

TERRITÓRIOS CAPACITANTES EM MEIO RURAL

AS NOVAS COMPETÊNCIAS PARA UM
DESENVOLVIMENTO MAIS SUSTENTÁVEL



**ENSINO,
INVESTIGAÇÃO
E PROJETOS
DE INOVAÇÃO**

ANDRÉ CHAUVET escreve
sobre territórios capacitantes

ESCOLAS PROFISSIONAIS
agrícolas são referências seguras

ENSINO SUPERIOR
investigação e inovação

MFR

O modelo das Maisons Familiales Rurales

ÍNDICE

Neste número especial N5-2019

4 Territórios capacitantes

9 Inovação UTAD

11 ESAV

13 Périplo de Adriana

18-21 Modelo das CFR

22-32 Escolas Profissionais Agrícolas

33 De aluno a professor

35 Aprendizagens informais



FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

CNJ - Confederação Nacional dos Jovens Agricultores e do Desenvolvimento Rural
SEDE:

Tapada da Ajuda 1349-018 Lisboa,
NIPC 504936832
Inscrição na ERC 126188

DIRECTOR

Luís Saldanha Miranda

DIRECTOR – ADJUNTO

Carlos Alberto Franco

COORDENADOR EDITORIAL

Carlos Valentim Ribeiro
Edição e secretariado
Caixa de Mitos, Lda

DIRECÇÃO E REDACÇÃO

Praça da Alegria n.º 6, 2.º Dto.,
1250-004 Lisboa

Telefone: 213 153 137 - 963 402 242

914630395 - 933 531 050

Linha Verde: 800 100 107

Fax: 211 550 860

geral@cnjap.pt

www.cnjap.pt

COLABORAÇÃO NESTA EDIÇÃO

Colaboradores regulares

Marta Veloso, Olívia Cerqueira,
Rita Marinho, Rosa Moreira
Artur Gregário, José Resende, Rosa
Rebello.

Colaboradores nesta edição

André Chauvet, Philippe Ristord.
Alberto Batista, João Calejo, Helena
Gonçalves, José Manuel Costa, Adriana
Ascensão Pereira, Agostinho Ferreira,
Luís Manuel de Matos Barradas, José
Abreu, Pedro Vale, Cristina Poço,
Manuel Joaquim Taveira Pereira.

FOTOGRAFIA

Miguel Marques

Colaboração André Macedo

REPORTAGEM

Carlos Ribeiro, Olívia Cerqueira

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

Sofia Pepe

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Soluções TI e Artes Gráficas

Tiragem – 5000 exemplares

Todos os artigos assinados são da responsabilidade dos autores, não coincidindo necessariamente com as opiniões da Direcção da CNJ. É permitida a reprodução dos artigos publicados, para fins não comerciais, desde que indicada a fonte e informada a Revista.

Os artigos da Revista AGRI são escritos de acordo com as opções dos seus autores no que ao Acordo Ortográfico diz respeito.

A PUBLICAÇÃO DA REVISTA AGRI É co-financiada pelo RDR 2010 -PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL



CNJ - Confederação Nacional dos Jovens Agricultores e do Desenvolvimento Rural

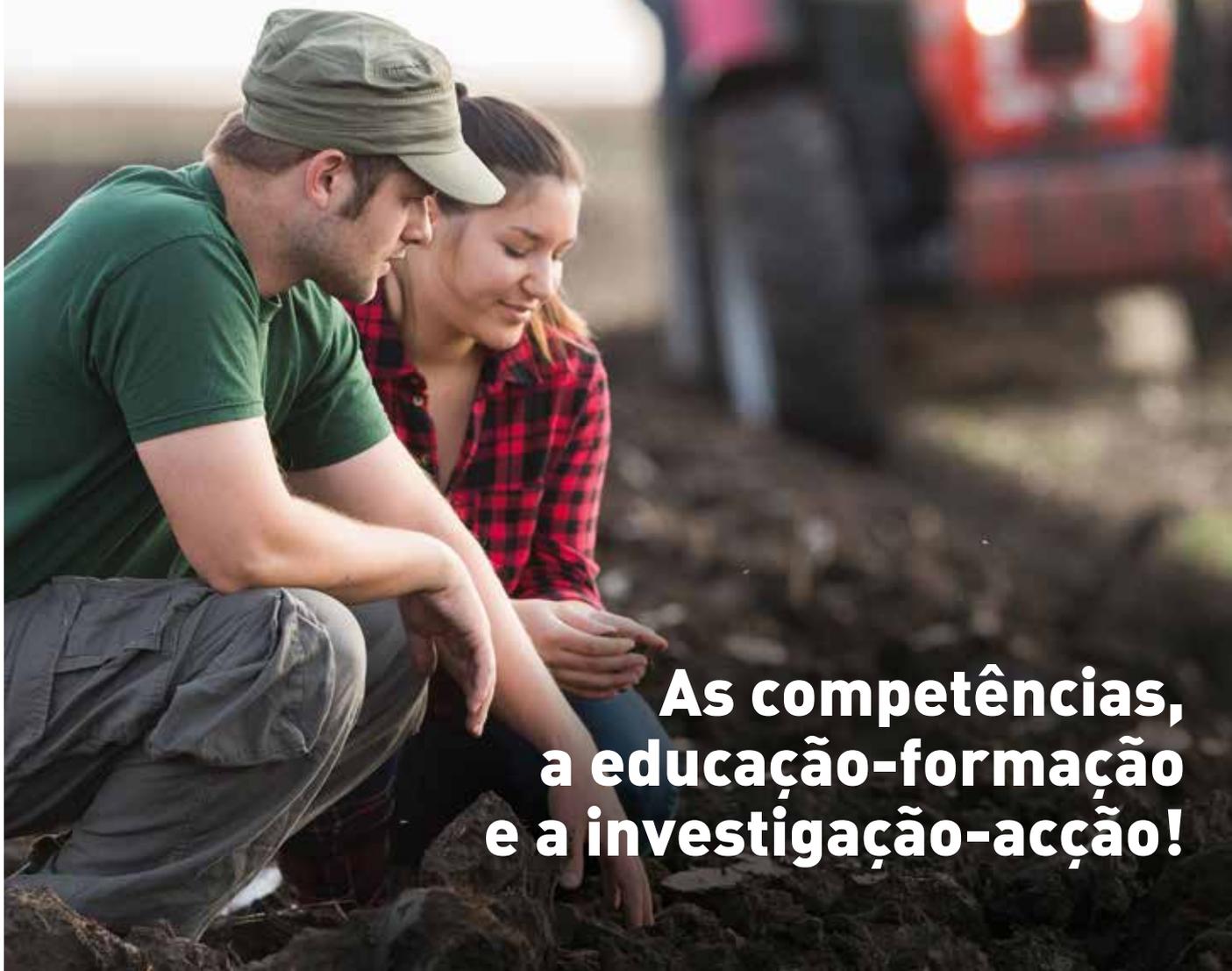


PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL 2014-2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

A REVISTA EM REVISTA



As competências, a educação-formação e a investigação-acção!

CARLOS RIBEIRO | Coordenador Editorial da Revista AGRI Magazine

Procurámos combinar neste número vários ingredientes para tratar o tema sempre complexo das competências. Elas são aqui abordadas de forma muito ampla e sem qualquer pretensão de representatividade do amplo sistema de educação-formação que também abarca a agricultura e o desenvolvimento rural.

Procurámos apesar de tudo divulgar informação mais institucional como é o caso da ESAV e das Escolas Profissionais Agrícolas de Serpa, Vagos, Ponte de Lima, Fermil -Celorico de Basto, Mirandela-Carvalhais, Quinta da Lageosa-Belmonte e combiná-la com experiências e histórias mais individualizadas que nos fornecem o lado mais humano dos processos educativos e formativos.

A inovação tem aqui também o seu destaque com as experiências de excelência da UTAD e o tema das aprendizagens informais permite-nos incursões em universos tão diversos como os da permacultura.

Finalmente trazemos para apreciação e debate o modelo das Casas Familiares Rurais que marcam a aprendizagem em meio rural em França e noutros países do mundo e divulgamos ainda um importante artigo de André Chauvet que nos convida a dissecar o conceito de território capacitante. Com esta abordagem combinamos as questões da investigação – acção com o tema central da Revista, reforçando a nossa intenção de contribuir para o desenvolvimento sustentável através da divulgação das boas práticas, mas também através da reflexão e do debate colectivo.

TERRITÓRIOS APRENDENTES: uma questão de equidade social

André Chauvet, consultor, presidente da André Chauvet Conseil e Presidente da Associação KELVOA

Carlos Ribeiro: nas tuas intervenções falas em territórios aprendentes, do que é que estamos a falar?

André Chauvet: Podemos começar por enfatizar o uso múltiplo do termo e da mesma forma, o grau de imprecisão que ele comporta. Tudo passou a ser aprendente: as cidades, as metrópoles, as empresas. É uma abordagem que se inscreve num movimento internacional. Existe, por exemplo, um selo de acreditação da Unesco para as cidades educadoras. Existem iniciativas nos diversos níveis geográficos. O conceito também terá de ser relacionado com o projeto europeu da sociedade do conhecimento. Podemos encontrar-lhe várias filiações: uma adaptação das promessas da educação popular que valoriza o conhecimento informal e que procura favorecer o desenvolvimento de cada um, visando o bem comum; podemos ainda encontrar nele uma visão mais liberal do homem que precisa de se adaptar a um ambiente fortemente concorrencial. Não entrando na polémica, prefiro tentar especificar alguns princípios: o ato de aprender, não ocorre exclusivamente na escola, nem

apenas no sistema de educação formal, pelo contrário, desenvolve-se em todos os espaços e projetos de uma determinada localidade; as aprendizagens informais são essenciais. Todos os atores de um território podem fazer parte dessa ambição, sendo que a aprendizagem não é o objetivo de partida, mas antes o efeito induzido de projetos coletivos ao serviço de um território. Por um lado, todo e qualquer um pode aprender se as condições estiverem reunidas. Por outro lado, numa visão mais ampla, qualquer pessoa tem recursos que podem ser colocados à disposição do coletivo no âmbito de projetos comuns. Essas iniciativas são tanto mais aprendentes quanto elas tiverem sentido, terem utilidade real e serem multi-atores. Um território aprendente não pode, à priori, ser construído de cima para baixo. Pelo contrário, ele surge como uma resultante das escolhas quer políticas quer ainda da organização de múltiplos atores que não se limitam a trabalhar juntos, mas também a cooperarem na própria definição da questão, na identificação dos recursos necessários e na forma de os organizar. Assim, um “espaço local comunitário e independente” (tiers lieux) ou um Fab Lab pode realmente ser aprendente desde que não se criem procedimentos burocráticos e deixem os atores se autodeterminarem numa base estruturante rica em recursos e flexível. Uma certa conceção da aprendizagem prioritariamente desenvolvida na ação em contexto real está aqui bem presente devendo os saberes em presença colocarem-se ao serviço da ação coletiva. Mas, atuar em conjunto, é central.





CR: Então, como é que se concretizam essas ideias, na prática?

AC: Eu acho importante fazer algumas distinções. Primeiro, o território possui um conjunto de recursos, económicos, logísticos, técnicos, ambientais e humanos. Eles são essenciais, mas não são suficientes. É a mobilização desses recursos e a sua colocação em sinergia, no quadro de um projeto comum, que os torna efetivos. Pode-se fazer a ligação ao conceito de *capabilidade* de Amartya SEN: é a capacidade de o território proporcionar a conversão dos recursos em realizações efetivas, com significado e com valor, que está em causa. Por outro lado, admite-se que exista uma problemática compartilhada que fornece o rumo e a energia ao projeto. É também a capacidade de permitir um trabalho em rede com vários atores, mas também é especialmente a possibilidade de uma criatividade coletiva que não seja restringida por procedimentos ou planos excessivamente rígidos. Caso contrário, o território só é aprendente para aqueles que estão na sua origem deste ou daquele projeto, o que é contrário à ideia central que radica na mobilização do máximo de atores em múltiplos projetos.

Trata-se, portanto, de transformar um conjunto de recursos em projetos coletivos ao serviço do bem comum. O que é aprendido não é necessariamente planeado com antecedência, vai-se estruturando à medida que o caminho vai sendo feito e de acordo com as necessidades do projeto e das oportunidades. Mas acima de tudo aprendemos a construir e decidir juntos o que não é uma coisa muito simples! É nestas circunstâncias que as ferramentas de rede podem ser de grande ajuda e terem enorme utilidade.

CR: Basicamente, todos os territórios são aprendentes, não?

AC: Eu posso entrar em maior pormenor adiantando algumas ilustrações. Pode-se dizer que em todos os

territórios existem recursos disponíveis, portanto potenciais, mas que podem permanecer inativos. Mas não se trata apenas de recursos. Deve-se garantir que eles serão colocados ao serviço de um objetivo comum, construído num processo prático e na ação. Eu tomaria o exemplo da orquestra. Você pode ter uma bela sala de concertos com músicos talentosos com instrumentos de alta qualidade na mão. Se eles não tocarem, nada acontece. Existe um potencial, mas pode estar inativo. Eu posso ter uma voz linda, mas nunca cantar. Mas vamos continuar a analogia. Há músicas que são compostas antes do concerto, por um compositor que irá escrever uma partitura. Então, ao sinal do maestro, os músicos tocarão o que está escrito. Estou a falar de outra coisa. Seria mais parecido com uma improvisação organizada por músicos de jazz, de blues ou de outras músicas tradicionais. Um esboço é partilhado, mas depois a música na sua totalidade é tocada na hora constituindo-se como uma criação simultânea realizada na ação. Há uma vontade coletiva, existe um talento que está concertado, uma intenção de partilha, mas também hesitações, reorganizações e mudanças de ritmo. Desta forma, lida-se com situações imprevisíveis, mas num contexto coletivo e tendo uma estrutura flexível. A um dado momento o público também se torna músico, introduz a sua própria sensibilidade, mas claro a analogia tem os seus limites.

CR: Queres dizer que não se pode decretar um território aprendente?

AC: Exatamente. Podemos apenas afirmar que todos os territórios detêm um potencial qui pode ou não ser mobilizado. E não chega decidir que ele o deve ser para que tal aconteça. É preciso afetar os recursos, escrever os procedimentos e duplicar os projetos. Não, um território é único porque cada situação é específica. Constatamos que algumas autarquias decidiram impulsionar os “espaços



cidadãos e independentes” e até os “Fab Lab” para facilitar a vida coletiva e a diversidade cultural. Mas uma estrutura de qualidade pode não ter público porque às vezes constroem-se coisas a partir de uma representação à priori do poderia ser bom para uma cidade ou um território. Mas sobretudo porque o projeto não terá sido co-elaborado com as pessoas do território.

Os territórios não são aprendentes porque é decidido que eles o devem ser. Podem ser multiplicados os apoios e subvenções e criados inúmeros recursos. Mas esses recursos só serão adequados se eles forem colocados ao serviço de um projeto que mobiliza as populações numa base coletiva. Os meios e os recursos devem ser identificados e procurados e não apenas aplicados. Neste sentido é o projeto coletivo que surge como central. As diferentes aprendizagens são uma consequência, um efeito do que esse projeto necessita.

Cada localidade deve poder imaginar os recursos a mobilizar e os projetos a construir ao serviço da vida coletiva sendo a entidade em causa considerada na sua vertente geográfica, mas também histórica, cultural e social. Uma história humana intrínseca a cada local que ao mesmo tempo incorpora algo que é universal.

Neste sentido importará instalar ecossistemas colaborativos nos quais os talentos e a energia não são apenas somados, mas antes colocados em sinergia e também regulados. Para resumir o conjunto é mais que a soma das partes. Estamos num ecossistema que combina recursos e amplifica os impactos.

CR: Mas tudo isso pressupõe que existam condições, não?

AC: Claro. Mas os recursos são monitorizados de forma progressiva e à medida das necessidades dos projetos. Importa ainda que cada um se forme tendo em conta a importância as competências relacionadas com a facilitação, a inovação coletiva, a criatividade partilhada, as técnicas digitais, o desenvolvimento de vídeos e de produção áudio, sabendo-se que se trata de tecer uma relação que vive e que se alimenta. Esta matéria coloca a questão bem mais ampla das modalidades de participação nos assuntos de interesse coletivo. Importa encontrar as formas de participação que sejam adequadas e apoiar-se nas tecnologias de rede, por um lado na vertente da rede como malha de informação, de criação e de inovação coletiva, mas também noutras vertentes como os processos de decisão, menos verticais e mais circulares e interativos. É preciso cuidar que as multiplicidades das

ideias não tornem as iniciativas demasiado rígidas, porque a quantidade de atores e de propostas pode rapidamente provocar desentendimentos que devem ser regulados coletivamente. Nesta matéria desenvolver uma cultura, mas sobretudo uma prática relacionada com o uso das tecnologias (literacia digital) é absolutamente essencial. O digital pode favorecer a inteligência coletiva. Pode ainda contribuir para aumentar a discriminação atendendo aos níveis muito diferenciados dos utilizadores.

CR: Quais são as perspetivas que nos podes adiantar?

AC: Tenho ideia que a questão dos territórios é uma questão política e cidadã da maior importância. Em França um estudo recente mostra diferenças consideráveis em termos de desemprego em função do local onde se vive. Não é nada de novo, mas estamos agora a ter uma perceção do assunto com uma intensidade como nunca tivemos. Como se os recursos tivessem a tendência para se concentrar nas localidades mais dinâmicas. Nada de novo, mas as respostas que foram colocadas no terreno não tiveram os resultados esperados. Esta matéria leva-nos a colocar várias questões.

A primeira é admitir que é indispensável sair das lógicas da empregabilidade que estabelecem que é nas pessoas que recai o esforço a realizar para que elas próprias se coloquem em conformidade com as normas sociais esperadas pelo sistema económico. A noção de *capabilidade* trata principalmente da possibilidade de converter os recursos das pessoas e dos territórios em ações que permitam o desenvolvimento e a partilha dos saberes e das competências, mas também o desenvolvimento económico na sua maior convergência possível com os desafios e as necessidades das pessoas. Pode criar, por esta via, uma alternativa interessante ao dilema que muitos jovens se colocam na Europa: partir ou ficar!

A segunda remete para uma outra maneira de apreender o território. Neste sentido eu prefiro o termo de território capacitante que retoma os trabalhos de Falzon. Trata-se de se interessar ao potencial dos recursos dos territórios e avaliar as condições para que eles sejam colocados ao serviço do bem comum. Isto vai bem mais longe das questões da aprendizagem e leva-nos a pensar numa evolução das modalidades de desenvolvimento local e de governança territorial. Trata-se, pois, de uma questão de equidade social e de desenvolvimento de inteligência coletiva ao serviço de uma comunidade de destino.



DESENVOLVIMENTO RURAL COMPETÊNCIAS E INOVAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

Inovação | Novos produtos | Projetos





UTAD inova no Agroalimentar

Investigação fundamental e aplicada ganha raízes sólidas na instituição de ensino superior de Trás-os-Montes e Alto Douro e produz resultados com um impacto muito significativo nas cadeias de valor do agroalimentar e das florestas. Alberto Batista resume a experiência da UTAD neste domínio e destaca as referências mais relevantes deste processo.

ALBERTO BATISTA, Pró-reitor da UTAD para a Área dos Projetos Estruturantes

No âmbito do setor agroalimentar, a UTAD apresenta fortes competências desenvolvidas em três Centros de investigação que abrangem áreas muito diversas da cadeia de valor, através da realização de investigação fundamental e aplicada. Os Centros são apoiados por estruturas de transferência de ciência e de tecnologia, de difusão da cultura e de prestação de serviços especializados.

O Centro de Investigação e Tecnologias Agroambientais e Biológicas (CITAB) desenvolve, através da linha de investigação Tecnologia & Inovação nas cadeias Agroalimentar e Florestal para uma Bioeconomia mais competitiva, um conhecimento abrangente dos sistemas de produção, particularmente nas cadeias de valor da vinha e do vinho, azeitona e azeite, frutas e legumes. Uma das competências chave é a valorização de subprodutos da indústria agroalimentar com aplicações na indústria alimentar, cosmética e farmacêutica.

O Centro de Investigação Animal e Veterinária (CECAV), desenvolve investigação em saúde e bem-estar animal, juntamente com a produção animal, a segurança e qualidade da carne, com enfoque em temas como a avaliação de composição corporal e qualidade de carcaça, fatores relacionados com as características sensoriais e químicas da carne e produtos cárnicos.

O Centro de Química de Vila Real (CQ-VR), desenvolve tecnologias inovadoras para o processamento de alimentos, análise de compostos bioativos de alimentos, segurança alimentar e controle de qualidade, e valorização de subprodutos da indústria agroalimentar.

Os investigadores destes Centros têm desenvolvido um conjunto muito vasto de projetos, de diferentes tipologias, visando a investigação e a transferência de tecnologia no setor agroalimentar.

Valorização de Produtos Endógenos

Concurso de ideias no setor agroalimentar dá origem a produtos inovadores na academia

Colaboração de **JOÃO CALEJO, HELENA GONÇALVES E ROSA REBELO – UTAD**

Fotos: André Macedo

Incentivar a inovação alimentar e apoiar a criação de novos produtos, dinamizando em simultâneo a utilização dos recursos endógenos, foi o principal objetivo do Concurso FoodValorization. Estruturado em três etapas, a primeira decorreu entre novembro e dezembro de 2018, tendo sido recebidas 25 candidaturas com enfoque nos aspetos mais relevantes do produto ou ideia.

O concurso FoodValorization está integrado no Projeto NEWFOOD – Food Technologies Valorization, projeto que junta a ambição de acelerar os processos de expansão e valorização económica dos “produtos tradicionais”. Um júri, constituído por elementos da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), PortugalFoods; Fundação da Casa de Mateus; Escola de Hotelaria e Turismo do Douro-Lamego; Confraria dos Enófilos e Gastrónomos de Trás-os-Montes e Alto Douro; Federação das Indústrias Portuguesas Agroalimentares e da Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte, avaliou as propostas nas diferentes etapas.



Da ideia à concretização

As 25 propostas de inovação submetidas a concurso passaram pela utilização do mel, nas mais diversas formas, até à utilização do caroço de azeitona, passando pela uva moscatel, maçã, mirtilo, melão, leite, cereja, cogumelos, trigo, ervas aromáticas, ervilha, feijão catarino e castanhas. As opções de transformação propostas foram as mais variadas como infusões,

gelados, farinhas, compotas, queijos, licores, patês, bebidas energéticas e outras formas alternativas de consumo, com destaque para os alimentos funcionais, com preocupações ligadas à promoção da saúde e do bem-estar. 16 das 25 ideias passaram à segunda etapa, que decorreu a 7 de março de 2019, e para a qual era requerida a entrega de um protótipo do produto, tendo



Honey Fiber - Mel em pó enriquecido com fibras naturais

2º Prémio Concurso FoodValorization

para o efeito sido atribuído um montante de dois mil euros, a cada selecionado, assim como consultoria na preparação do modelo de negócios, documento fundamental para acesso à terceira etapa.

Após degustação dos produtos e análise dos respetivos modelos de negócio, o júri avaliou as 16 propostas agroalimentares a concurso e, em função dos critérios de avaliação para esta segunda etapa, foram selecionados os produtos: Snacks de frutos liofilizados; Concentrado de mirtilo enriquecido com antioxidantes (consumível em ice lolly); Mel em pó enriquecido com fibras naturais; Queijo Terrincho DOP enriquecido com CLA; Patê de cogumelo shiitake e castanha; Cuscus de farinhas alternativas; “Esferas de mel” (mel, requeijão e azeite); Bebida energética à base de mel e chá dos Açores (em forma de gel).

inovação a partir de produtos endógenos e pela qualidade dos produtos apresentados a concurso”.

O Projeto NEWFOOD – Food Technologies Valorization, operação NORTE-01-0246-FEDER-000043, é cofinanciado pelo NORTE2020 - Programa Operacional Regional do Norte através do Estado Português (Portugal 2020) e do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), tendo como beneficiários a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, a Universidade Católica do Porto, a Universidade do Porto e a Universidade do Minho.

Os melhores entre os melhores

Os oito finalistas, que passaram à terceira fase, contaram com um período para melhorar as propostas ao nível da imagem, tendo recebido consultoria em design de produto. Prepararam também um pitch de 10 minutos, para elucidar o júri sobre a composição, inovação e outros fatores inerentes aos produtos. A etapa final decorreu a 4 de abril de 2019.

Saíram vencedores os produtos “Cuscus de farinhas alternativas” (1º lugar - quatro mil euros) que propõe a utilização de farinha de leguminosas e castanha para a confeção de cuscus (aptos a serem consumidos por celíacos); Mel em pó enriquecido com fibras naturais (2º lugar - dois mil euros), uma alternativa saudável às saquetas de açúcar; Queijo Terrincho DOP enriquecido com CLA (3º lugar - mil euros), um alimento “funcional” que contribui para a diminuição do colesterol, sem desvirtuar a certificação DOP; Snacks de frutos liofilizados (4º lugar – quinhentos euros), desidratados com capacidade para manter todas as propriedades nutricionais (em oposição aos desidratados que existem no mercado).

Alberto Baptista, pró-reitor da UTAD para a Área dos Projetos Estruturantes, e responsável pela promoção do projeto NEWFOOD refere que este concurso “superou as expetativas, pelo número inicial de participantes, com forte participação de jovens investigadores da UTAD, pela



Olive + Queijo Terrincho DOP enriquecido com CLA

3º Prémio Concurso FoodValorization



Tasty Fruit - Snacks de frutos liofilizados

4º Prémio Concurso FoodValorization



VISEU PIONEIRA NO ENSINO AGRÍCOLA

tem na ESAV a sucessora da Escola Prática de Agricultura

Criada oficialmente em 19 de Dezembro de 1994 (DL n.º 304/94) a ESAV é uma das unidades orgânicas do Instituto Politécnico de Viseu, integrando-se na rede de ensino superior público português, ao nível do ensino politécnico. Assim deu-se continuidade à tradição, pois a Cidade de Viseu teve o privilégio de ser pioneira no ensino agrícola em Portugal através da criação da Escola Prática de Agricultura de Viseu, por Decreto de 16 de dezembro de 1852.

A ESAV pretende transmitir e divulgar o conhecimento, com vista à formação de estudantes com elevado nível de competências nas áreas das ciências agrárias, alimentares e veterinárias; promover a investigação aplicada e sua divulgação, o intercâmbio cultural, científico e tecnológico com instituições congêneres, nacionais e internacionais e o relacionamento com o tecido empresarial, de forma a contribuir para o desenvolvimento da região e do país.

Objetivos de qualidade e de ligação à comunidade

Assim, os objetivos da ESAV assentam em três vertentes:

- Ensino de qualidade, através da transmissão de conhecimentos técnico-científicos constantemente atualizados e precisos, centrados na utilização de tecnologias fundamentais para a formação de estudantes nos domínios das produções agrícola e zootécnica, ecologia e paisagismo florestal, biosistemas, indústrias

alimentares e ainda da enfermagem veterinária.

- Construção de elos de ligação com a comunidade, através de apoio técnico-científico, projetos, prestação de serviços, consultoria a empresas, organizações institucionais tanto a nível regional, nacional como internacional. Deste modo, podendo dar informações, transmitindo conhecimentos, mobilizando apoios e vontades, factos sem dúvida fundamentais para a integração da Escola no meio. A qualidade do ensino que ministramos, estimulada pelo sucesso da aplicação dos princípios da Declaração de Bolonha, demonstra bem esta realidade.

- Desenvolvimento de atividades de investigação, experimentação e divulgação de conhecimentos nos domínios das ciências agrárias, alimentares e veterinárias, permitindo o avanço dos sectores de produção respetivos. Estas atividades são dinamizadas pelo corpo docente cada vez mais qualificado, estando permanentemente empenhado em contribuir para o sucesso educativo dos estudantes, sendo evidência desse facto a elevada percentagem de doutores.



Quinta da Alagoa

A ESAV localiza-se numa zona nobre da cidade de Viseu, na Quinta da Alagoa, com cerca de 23 hectares. Possuindo inúmeras culturas, destacando-se a vinha, o pomar e o olival. Contando ainda com estruturas de produção pecuária de ovinos, caprinos, bovinos, aves e coelhos, bem como um Centro de Enfermagem Veterinária e laboratórios, com tecnologias que permitem aquisição de competências em vários domínios técnico-científicos.

Visando uma formação vocacionada para uma plena inserção na vida ativa dos seus estudantes, a ESAV dispõe de um corpo de funcionários, docentes e não docentes, qualificado e motivado. Contribuem igualmente para o sucesso da ESAV os seus estudantes que com a sua vontade, disponibilidade e capacidade de trabalho permitem uma excelente colaboração na transmissão e aquisição de competências.

Áreas de estudo e investigação na ESAV

As principais áreas de estudo e investigação centram-se na Agronomia, Floresta, Setor Agroalimentar, Produção animal, Gastronomia, Turismo e Bem-estar.

Quanto às principais linhas de investigação, estão focadas nas áreas dos laticínios, viticultura e enologia, fruticultura, silvicultura, patologia animal, agricultura de precisão, ruminantes e avicultura.

Em todas estas áreas de estudo e investigação estão celebrados protocolos com a maioria das empresas da região.

Projetos

Alguns dos projetos recentes em que a ESAV tem tido papel fulcral no seu desenvolvimento são os seguintes:

Controle de concentrações de amónia em instalações avícolas (AMONIAVE)

Gestão eficiente do património arbóreo de Viseu (TREEGEST)

Sistema de controlo de pastagem baseado em tecnologias IT (SHEEPIT)

Caracterização e valorização do queijo Serra da Estrela (QCLASSE)

Desafios do mercado agroalimentar (Mobfood)



Qualidade do vinho (TERR @ALVA)

Estudos de imunidade em bovinos (RUMMUNITY)

Programa de Valorização Económica e Territorial do Queijo na Região Centro

Oferta formativa

Relativamente à oferta formativa da ESAV, ela consiste, neste momento, em quatro tipos de formação: Os Cursos Técnicos Superiores Profissionais (CTeSP), as Licenciaturas, as Pós-Graduações e os Mestrados.

CTeSP:

Agricultura biológica

Gastronomia, turismo e bem-estar

Produção animal

Proteção civil

Viticultura e enologia

LICENCIATURAS:

Ciência e Tecnologia Animal

Enfermagem Veterinária

Engenharia Agrónomica - Ramo Fitotecnia

Engenharia Agrónomica - Ramo Viticultura e Enologia

Qualidade Alimentar e Nutrição

PÓS-GRADUAÇÕES:

Nutrição e Segurança Alimentar

Agropecuária Sustentável

MESTRADOS:

Qualidade e Tecnologia Alimentar

Tecnologias da Produção Animal

O PÉRIPOLO DE ADRIANA

Estudar na Agrária, uma nova oportunidade

À primeira vista estudar numa Agrária, no ensino superior, é uma escolha que não é nada evidente. Mas quem faz essa opção não se arrepende. No final de contas a diferença vale a pena, essa é a afirmação categórica da Adriana que nos relatou um percurso recheado de peripécias e de novas experiências com epicentro na ESAV, Escola Superior Agrária de Viseu. Adriana deu-nos a mão e levou-nos pelos carreiros desse percurso e nós deixámo-nos guiar, com a expectativa natural de quem não conhece o caminho mas sabe que o guia nos leva a bom porto.

texto de **ADRIANA ASCENSÃO PEREIRA**, Estudante do 3º ano da licenciatura em Engenharia Agronómica – Ramo de Fitotecnia, Escola Superior Agrária de Viseu.

Fotos © Adriana Ascensão Pereira

Nunca pensei estar onde estou agora. Não se trata de estar bem melhor do que esperava ou de, pelo contrário, estar numa situação tão precária e inesperada que me entristece. É, acima de tudo, uma questão de contexto, de geografia, de percurso de vida.

A desilusão com Engenharia

Sem falsas modéstias, sempre fui boa aluna. Pelo menos, quase sempre tive boas notas. Ao longo da minha vida quis ser muita coisa: advogada porque o meu pai dizia que eu tinha sempre resposta, cantora lírica, arquiteta e economista. Depois, quis ser engenheira e foi essa vontade que prevaleceu. Para isso, ingressei na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), no curso de Mestrado Integrado de Engenharia Industrial e Gestão. Há uma frase recorrente sobre o ensino superior que versa mais ou menos assim: “entrar na faculdade é fácil, difícil é sair”. Comigo foi exatamente assim. Entrei com facilidade, com uma média elevada, mas não me encontrei nunca. Era sempre um passo para a frente e dois (ou três, ou quatro) para trás. Primeiro, aconteceram alguns dramas familiares que me desviaram o foco, a seguir surgiram desmotivação, frustração e uma terrível apatia. Passei por tudo.



Voltar às raízes

Ao fim de sete anos, que hoje em dia sou incapaz de dar como perdidos, resolvi tomar uma atitude: mudar. Resolvi voltar às raízes, voltar à terra, e esta resolução é mais literal do que possa parecer. Afinal de contas, a minha escolha foi (tentar) ingressar na licenciatura em Engenharia Agronómica da Escola Superior Agrária de Viseu (ESAV), do Instituto Superior Politécnico de Viseu. Não é que fosse muito ligada às coisas da terra, que não era. Tive, desde sempre, o “quintalzinho” em casa e sempre gostei, enquanto criança, de brincar na e com terra. Há, inclusivamente, fotos comprometedoras para o provar. Fora isso, não tinha exploração, histórico ou ligações agrícolas, nem mesmo uma paixão inusitada (achava eu). Afinal de contas, o que é que eu tinha? Tinha um amigo já a estudar Engenharia Agronómica na ESAV e com quem conversava muitas vezes sobre agricultura, além de ter tido uma tia a lecionar numa escola profissional agrícola



no Norte do país. Tal facto permitiu-me visitas frequentes ao estabelecimento de ensino em questão, que muito admiro e do qual ainda hoje gosto muito. Além disso, tinha (e mantenho) muito gosto e curiosidade pelo vinho. Aliás, devo dizer que foi esse um dos fatores que me fez escolher Engenharia Agronómica na ESAV. Aqui, ao 3º ano, é possível optar por um de dois ramos: Viticultura e Enologia e Fitotecnia. Isso faria com que conseguisse fazer a minha formação de modo simultaneamente abrangente (a bem dos meus horizontes) e direcionado (tendo em conta o meu interesse pela enologia).

Um ambiente próximo e informal

Naturalmente que a mudança de escola e de cidade não se deveu apenas à oferta letiva. Deveu-se também a já conhecer a Escola, onde me agradava que todas as valências para quem estuda na área das ciências agrárias (salas de aula, laboratórios, estufas, pomares, estábulos, etc) estivessem tão perto entre si e tão bem inseridas no contexto da cidade. Gostava do ambiente mais próximo, menos formal, que se sentia entre alunos, professores e funcionários. Para cúmulo, já conhecia relativamente bem a cidade, já lá tinha amigos e conhecidos e, por isso, a parte extraescolar da vida académica já estava orientada. Sujeitei-me então ao concurso de acesso para maiores de 23 anos e, após ultrapassar as três etapas previstas (entrevista presencial, prova escrita e avaliação curricular), estava oficialmente admitida na ESAV.

Professores disponíveis e competentes

Nunca, em momento algum, me senti arrependida da mudança que fiz. A Escola, não sendo perfeita e podendo

bem usufruir de algumas melhorias, nomeadamente estruturais, ofereceu-me um ambiente saudável que me permitiu crescer (algo que, com 25 anos, achava já não ser possível), aprender e envolver-me em projetos maiores e mais importantes que eu, como a Associação e os Núcleos de Estudantes. O corpo docente é mais competente e bem formado do que possamos esperar (e eu sei que o preconceito existe), com a vantagem de a relação professor-aluno ser algo que realmente existe e que há interesse em trabalhar. Dificilmente na Agrária ouviria de um professor que não me respondeu ao e-mail porque, "ó menina, como deve compreender, tenho mais de trezentos alunos!". Realmente é verdade: um professor na ESAV não tem trezentos alunos de cada vez, mas tem a capacidade de se fazer acessível e de estar disponível para ouvir, esclarecer ou ajudar os estudantes, seja presencialmente ou eletronicamente. Não me lembro de um e-mail que tenha ficado sem resposta, nem me lembro de algum professor ter descartado ou desprezado algum pedido que lhe tenha feito, fosse para tirar alguma dúvida ou pedir o adiamento de um prazo de entrega. Arrisco-me a dizer, sem citar nomes, que foi na ESAV que encontrei o professor mais competente e capaz, nessa tão nobre e difícil função de ensinar, de todo o meu percurso escolar. Admirem-se, numa escola superior agrária...

A ESAV como primeira opção

Quanto aos alunos, são de vários backgrounds. Há "miúdos" acabados de sair do secundário e que seguem o seu percurso na ordem dita normal, mas também há colegas mais velhos que viram na Agrária uma nova oportunidade, um complemento à sua formação, ou apenas uma forma de aproveitarem de forma enriquecedora o tempo que até



então estava livre. Falando dos meus colegas de curso, há aqueles que, como eu, não têm ligação prévia à agricultura e há os que têm: explorações de vinha, arroz, hortícolas... Com o contributo dos meus colegas de turma, já se fazia um banquete! Olhando aos colegas com quem mais de perto convivi, vejo que não são menos do que ninguém (pelo contrário) e que por isso é que foram para a ESAV. Não são menos capazes, nem menos inteligentes, nem menos dotados. Para muitos deles, a ESAV foi a primeira opção, quando poderiam facilmente ter ingressado noutras escolas mais conceituadas.

O espírito agrário existe mesmo!

Acima de tudo, reina na Agrária um ambiente sereno, despreocupado e de harmonia e respeito entre todos, mesmo quando é preciso fazer ver ou valer opiniões diferentes. No início duvidava, mas agora acredito que o Espírito Agrário existe mesmo. Não é só o espírito que reina nas festas e eventos como a Taça das Agrárias (na qual nunca participei por opção, mas diz quem vai que é de arromba). Não, não é só isso. É um sentimento que acredito que é comum a todos os estudantes de escolas superiores agrárias, sejam de que parte do país forem, e que tem que ver com a pertença, a honestidade e com aquilo que aprendemos sobre nós enquanto aprendemos sobre a natureza. É ser-se despretenhoso, simples, não nos importarmos com a roupa suja de terra ou com a necessidade de usar um calçado menos estiloso. É não dispensar uma bela churrascada, com cerveja e música pimba à mistura, e cantar a plenos pulmões as canções da escola. É também ter de lidar, não raras vezes, com o julgamento e a condescendência de quem acha que uma escola agrária é uma solução de remedeio. Que quem

segue estas áreas de estudos só o faz porque “não dá para mais nada”.

Para mim até pode parecer que foi um remedeio, aquela última oportunidade de fazer uma licenciatura porque era o que se esperava de mim. Na verdade, se formos pelas expectativas, então certamente que, para muitos, fiquei aquém. Não podia discordar mais. Viseu e a ESAV não foram um remedeio, foram antes uma oportunidade de ser fénix. Foram uma forma de recuperar a minha autoestima e a minha motivação e de me redescobrir a mim mesma, encontrando novas vocações e inspirações.

Agricultura, modos de produção mais inteligentes e eficientes

Não me peçam para emitir pareceres com soluções milagrosas para o futuro da agricultura em Portugal e no mundo. Neste momento, parece que nem me sinto capaz. É que agora que estou na reta final do curso, e na altura em que me devia sentir mais sabedoria, parece que estou naquele estado típico de negação e autocomiseração de quem não sabe como vai exercer uma profissão para a qual andou a estudar e a preparar-se. Sei, no entanto, que esta sensação é normal. No ensino secundário tive uma professora que dizia que quando estudávamos e parecia que não sabíamos nada, era quando estávamos mais bem preparados para os testes. Analogamente, acredito que sei mais do que parece que sei, pois confio na minha formação e em tudo o que a ESAV me deu.

E agora, ignorando este sentimento de “só sei que nada sei”, lugar para uma reviravolta: entretanto, optei pelo ramo de Fitotecnia. Não queria ficar constrangida para já, sendo que a qualquer altura posso dar asas a este meu caso já antigo com o vinho. A verdade é que a minha aprendizagem na

Agrária alargou os meus horizontes e fez-me ser curiosa e estar atenta a outras coisas. Por exemplo, tenho um interesse (quase fascínio!) sobre modos de produção mais inteligentes e eficientes, como a hidroponia, e que por mim se encaixam perfeitamente num vislumbre daquilo que será a agricultura do futuro. Sei que alguns engenheiros agrónomos da “velha guarda” nem sempre acreditam neste tipo de soluções, nomeadamente para Portugal. Mesmo que seja ingenuidade da minha parte, eu acredito. Considero que estas opções são tão boas como qualquer outra (aludindo a vantagens e desvantagens) e que têm espaço mesmo em Portugal. Mesmo que não tenham, e mesmo adorando o meu país, acho que a minha formação deve ser feita tendo em conta não um único objetivo ou uma única região, mas o mundo inteiro.

Engenharia Agronómica

Acredito numa solução de compromisso entre os princípios básicos da agricultura e da natureza e a otimização permitida pela tecnologia. Confesso que até me sinto um pouco rebelde por defender esta relação entre agricultura e tecnologia, numa altura em que a tendência mais badalada é o regresso a modos de produzir mais básicos e elementares, menos invasivos e hostis. Talvez seja a engenheira em mim a falar.

Acima de tudo, creio que é possível o equilíbrio e que o engenheiro agrónomo pode, precisamente, ser um dos grandes impulsionadores dessa harmonia. Estes profissionais trazem em si a criatividade, o engenho e o desejo constante de inovar de um engenheiro, mais os conhecimentos científicos relativos à agricultura de um agrónomo. É precisamente esta profissional de Engenharia Agronómica que gostaria de ser no futuro, mesmo sabendo o tanto que ainda me falta aprender. Naturalmente, não fecho portas a nada, nem desconsidero mudar de opinião, pois não gosto de ter em mim o ceticismo e o preconceito que critico nos outros. Não sei a facilidade que terei para conseguir um trabalho, nem sei se terei a oportunidade de avançar na minha formação académica como gostaria. Há muitas coisas que não sei, mas há duas das quais estou absolutamente certa: que mudei e mudei para melhor e que se há arrependimentos em mim, nenhum é por ter escolhido a licenciatura em Engenharia Agronómica na ESAV ou por ter enveredado pela área da agricultura.

Só quem a vive é que sabe

A agricultura é, para mim, sublime. É algo aparentemente tão elementar, tão primário e tão simples que muitos de nós acabamos por não lhe dar o crédito que merece. Por vezes assumimos que é fácil, que apenas exige capacidade física e nenhuma capacidade intelectual, que é lançar as sementes à terra e rezar para que o tempo ajude. Desconhecemos a importância da agricultura, enquanto sistema organizado, e achamos que qualquer um pode ser agricultor, mas que só o é quem não conseguiu ser mais nada. Acho, sinceramente, que só quem a vive é que

sabe como a vida na agricultura pode ser ingrata, exigente e sem horários e como é necessário ser inteligente, curioso e atento ao progresso e às exigências do mercado. Realmente, a agricultura não é para todos, é só para quem é resiliente e tem espírito de sacrifício. E mais do que tudo, a agricultura é, para mim, uma metáfora de nós mesmos. Somos sementes, mas seremos só sementes lançadas à terra e sem nenhum acompanhamento a partir daí? Ou somos daquelas sementes que beneficiam de investigação, de métodos e procedimentos, de experimentação, de hipóteses, da interdisciplinaridade de várias áreas científicas e da tecnologia? Sementes melhoradas, que originam plantas convenientemente vigorosas e resistentes, e cujo potencial pode sempre ser aumentado e/ou ajustado?

Um amor indelével

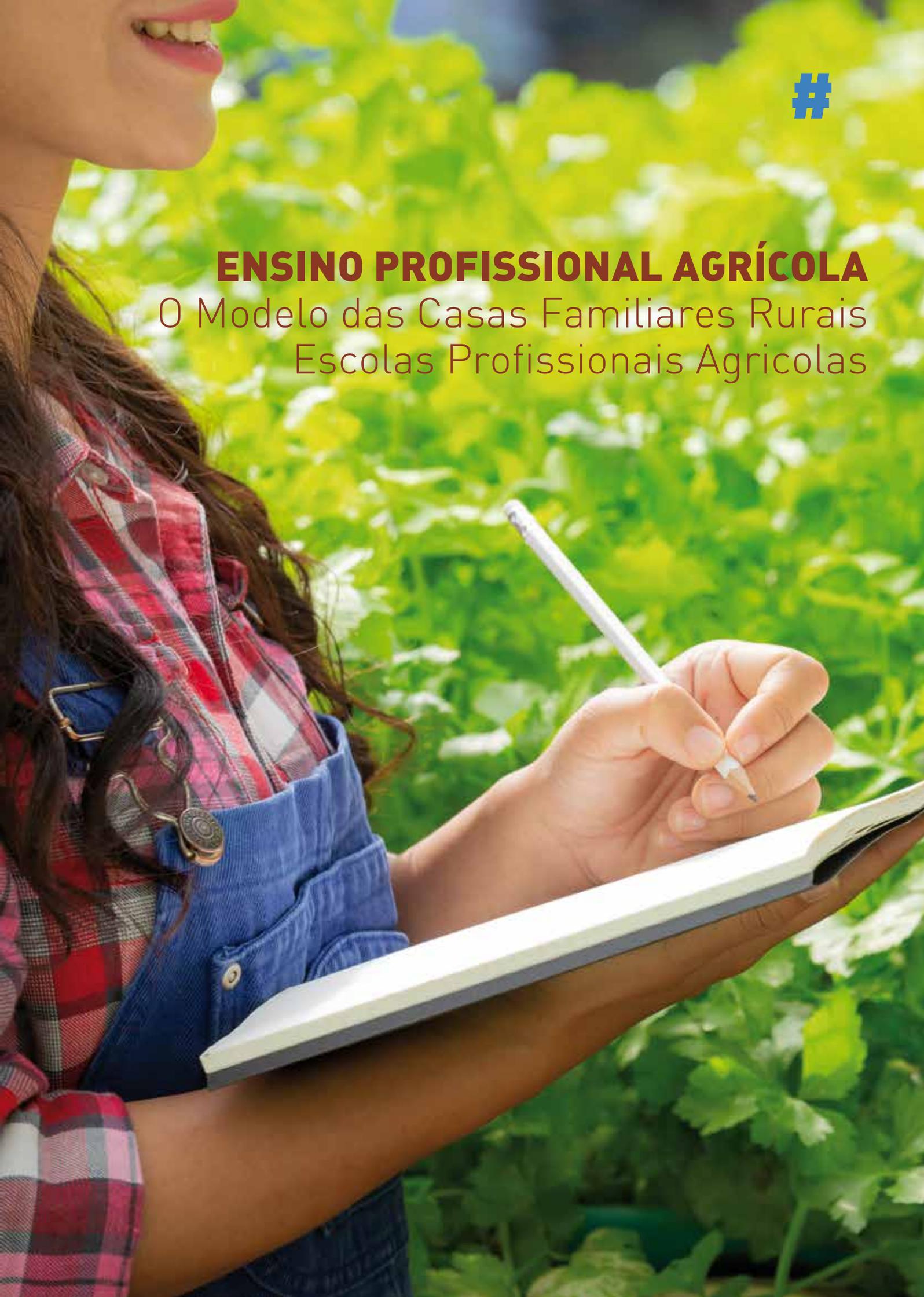
“Tentaram enterrar-nos. Não sabiam que éramos sementes”. Não será por acaso que estas são das minhas frases preferidas e quase um lema de vida para mim. Na verdade, até estas frases agradeço à ESAV, mais propriamente a um professor, cuja paixão pelas suas paixões (passando a redundância) sempre me inspirou. Agradeço também à ESAV por me ter permitido uma visão mais ampla sobre a agricultura e as ciências agrárias, por me fazer pensar as questões de interesse e até filosofar sobre elas, como fiz agora. Agradeço os conhecimentos e as pessoas, como agradeço os seus aspectos não tão bons ou agradáveis, que me fizeram perceber o que quero e o que não quero. E agradeço, acima de tudo, por ter permitido que uma paixoneta inusitada se transformasse numa paixão assolapada e, cada vez mais, num amor indelével. Nesta safra e contra safra que é a vida, nunca pensei estar onde estou, mas ainda bem que é assim.





ENSINO PROFISSIONAL AGRÍCOLA

O Modelo das Casas Familiares Rurais
Escolas Profissionais Agrícolas





TREINAR ATORES LOCAIS é contribuir para o desenvolvimento de seu território.

O modelo da Casa Familiar Rural, um ecossistema complexo e singular de surpreendente modernidade ao serviço da educação e da formação dos jovens e adultos nos territórios rurais

PHILIPPE RISTORD - Diretor do Centre National Pédagogique et de Ressources des MFR (CNP-R), membro fundador do Coletivo Kelvoa

“Os sentimentos e as ideias não se renovam, o coração não cresce e o espírito humano não se desenvolve a não ser pela acção recíproca dos homens, uns com os outros, isto é o que apenas as associações podem fazer.” Alexis Tocqueville.

Em França, o princípio fundamental que legitima a existência das associações tal como se encontra definido pela lei de 1901, inscreve-se na adequação da resposta proposta face a uma necessidade existente.

Responder à formação das pessoas e ao desenvolvimento dos territórios

As populações, muitas vezes num território de proximidade, decidem levar à prática um projecto comum com o objectivo de suprir algo que procuram ou necessitam. A natureza desta falta ou necessidade pode ser de carácter cultural, social, religioso, desportivo, sanitário, social.

No domínio da formação, e desde há mais de 80 anos, que as Casas Familiares Rurais (CFR) ilustram de forma magnífica esta lógica. Por um lado, pelo seu carácter associativo e por outro pela prática da alternância pedagógica, elas contribuem, à sua medida, para as

respostas à dupla problemática da formação das pessoas e do desenvolvimento dos territórios. Poderá isto ser a prova da pertinência do modelo proposto no quadro da formação?

O universo das CFR

Atualmente mais de 1.000 CFR estão presentes em todo o mundo. Em França, cumprindo uma missão de serviço público, contam-se 430 e constituem um dos 3 ramos do ensino agrícola (liceus agrícolas públicos e CFR). Com 50.000 alunos em contrato com o Estado, 15.000 aprendizes e 40.000 em formação profissional contínua, as CFR – sobretudo presentes nos territórios rurais – disponibilizam formações do 8º ano (14 anos) até ao nível 6 em mais de 350 qualificações.

Como sugerido pela lei de 1901, o estatuto associativo que caracteriza o perfil jurídico da CFR é em si mesmo uma prova cabal da vontade de dotar os respetivos administradores do *poder de agir*. Mas no caso das CFR este facto é ainda mais importante uma vez que, desde a sua origem (1937) este “poder de agir” é assumido pelas

famílias responsáveis pela educação e formação das suas crianças (e daquelas que lhes são confiadas).

O que fazem as CFR

Únicas na paisagem francesa da formação, as CFR são assim associações familiares autónomas (ainda que estruturadas em federações) que:

- Contratualizam diretamente com o Estado no quadro da missão de serviço público que lhe é confiada para a formação escolar inicial,
- São parceiras das Regiões e dos sectores profissionais para as formações em alternância e contínua,
- Gerem investimentos e orçamentos,
- E, outra especificidade, são responsáveis pelo recrutamento e gestão dos seus recursos humanos.

É desta forma que as CFR orientadas pelos valores da educação popular e da economia social, do levar à prática uma pedagogia de alternância integradora, um acompanhamento global e individualizado, se propõem concretizar o seu slogan "Atingir os objectivos por outras vias".

Manter e desenvolver as competências

A sexta parte do Código do Trabalho francês declara no seu título 1: "A formação profissional ao longo da vida é uma obrigação nacional. Destina-se a capacitar cada pessoa, independentemente do seu estatuto, para adquirir e atualizar conhecimentos e competências que promovam o seu desenvolvimento profissional, bem como para progredir pelo menos um nível de qualificação durante

a sua vida profissional. É um fator decisivo para garantir carreiras e promover funcionários."

Neste importante contexto onde cada um é chamado à responsabilidade de manter e desenvolver as suas competências e ainda mais numa sociedade onde o digital invade os nossos contextos pessoais e profissionais, quisemos mostrar que uma experiência associativa, pedagógica e educativa nascida num território rural há mais de 80 anos, continua a ser particularmente pertinente face aos atuais desafios da aprendizagem ao longo da vida.

CFR capacitantes e ágeis

Assim, graças a uma estruturação associativa, a CFR constitui um lugar "capacitador" para seus administradores, as famílias que nele confiam e os formandos em alternância mas também para o território em que se realiza. A CFR é, portanto, uma organização "ágil", atenta e adaptável às necessidades sócio-profissionais e, portanto, um ator fundamental no desenvolvimento local.

Para fazer isso, ela apoia-se numa engenharia pedagógica de alternância integradora que tem as suas raízes no coração da abordagem experiencial e permite a aprendizagem autónoma. Nesse sentido, a CFR surge como uma organização de aprendizagem dentro e fora de seu território.

Finalmente, e para implementar esta dinâmica, ela confia aos monitores especialistas uma função global de formação e educação, a dedicação em acompanhar os formandos em alternância, jovens ou adultos. Um ecossistema complexo e singular de surpreendente modernidade.





A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Segundo JC.GIMONET, "a introdução da alternância na formação coloca a relação com a experiência, com o trabalho, com o mundo da produção, com a vida não escolar. Ela convida-nos a considerar a experiência como um meio de formação, um reservatório de conhecimento, um caldeirão educacional e um ponto de partida para o processo de aprendizagem". "Articular os tempos e lugares de formação consiste em criar o elo e o linker, ou seja, a interação entre os dois espaços-tempo, a continuidade na sucessão de micro-rupturas que gera a passagem de um para outro".

Além do princípio associativo, é graças à engenharia pedagógica desenvolvida que as CFR surgem como uma organização de aprendizagem.

De fato, a pedagogia do trabalho-estudo mescla-se com a noção de educação sistêmica desenvolvida na sua época por J. de ROSNAY (e talvez também pela sua visão da chamada organização "ágil").

Características da alternância nas CFR

É assim que com a alternância da CFR se revelam sete características:

1. O primado da pessoa em formação (alternada quer seja jovem ou adulto) e do seu próprio projeto;

2. O lugar dado à experiência sócio-profissional, fonte de conhecimento, ponto de partida e chegada dos estágios (falamos de experiência social e profissional que permite descobrir e aprender uma profissão mas igualmente fonte de educação para o mundos e os outros);

3. A parceria socioprofissional, favorecendo "os poderes de formar" nos diferentes espaços-tempos da formação; isto é, na CFR e ainda no meio pessoal, social e profissional do jovem em alternância. Esta tensão permite as aprendizagens formais, programadas e em desenvolvimento nas organizações de formação. Mas isso também abre o campo à valorização dos saberes ditos não-formais desenvolvidos através de outras formas de socialização (o mundo sindical, associativo) e para os chamados saberes informais que se desenvolvem nas atividades diárias relacionadas com comunidade de práticas (trabalho, família, lazer);

4. A engenharia pedagógica específica feita de ida e volta entre

a singularidade da experiência e a conformidade social (os quadros de referência). Essa contradição, esse "choque de culturas" experimentado entre o meio socioprofissional e a CFR, à primeira vista desestabilizante, torna-se fonte de aprendizagem autônoma desde que a animação pedagógica permita e que B. SCHWARTZ chama de "função polémica". Portanto, o lugar do formador (denominado na CFR: "monitor") na organização, o domínio de ferramentas específicas e a animação destes tempos de "controvérsia" é central para a magia da aprendizagem ter lugar;

5. Um ambiente de aprendizagem favorável que se esforça por promover uma lógica "personalista", em vez de uma lógica individualista, no apoio aos participantes e ao seu projeto de vida global (social e profissional);

6. Uma equipa educativa (incluindo monitores) a que se exige experiência em animação e acompanhamento e que é responsável pela implementação geral do dispositivo;

7. Uma estrutura associativa portadora dos valores da economia social nos territórios rurais.

A CFR, uma organização aprendente, geradora de espaços “capacitantes”

Os territórios em que as CFR operam são entendidos como entidades resultantes do diálogo próximo, longo e permanente entre os atores socioeconômicos; ou seja, entre uma cultura e um espaço, daí a sua originalidade única. Produtos locais, para citar apenas alguns, são o exemplo agrícola dessa especificidade.



Contrariar a desertificação

Estes territórios são conjuntos de lugares com ligação entre si. Eles não estão isolados, mas muitas vezes conectados uns aos outros (ou mesmo ao território global) e são a sede de dinâmicas que, no decorrer da história, se revelam positivas ou negativas, e portanto portadoras de desenvolvimento ou não.

Quando esses elos se rompem ou se separaram (no latim *serere* que dá o *desertus*), produzem-se as ruturas e os abandonos: o deserto avança. A desertificação é, acima de tudo, um afrouxamento, uma separação gradual da comunidade humana.

Mas durante as fases dinâmicas, o território é capaz de construir um projeto vivido como uma resposta ao seu “problema”. Para fazer isso, é necessário que esse “problema” tenha sido identificado, debatido, formulado e que uma consciência coletiva tenha sido feita por relação a ele.

É nesse movimento de expressão participativa que o status associativo encontra toda a sua relevância.

Construir um projeto adaptado ao território local

Assim, a lei sobre as associações de 1901 é uma alavanca formidável porque coloca à disposição dos atores do território uma ferramenta que pode permitir a uma resposta cristalizar-se. De fato, a associação fornece aos

atores locais uma ótima maneira de construir um projeto adaptado ao território local a partir da recolha de uma solicitação que se exprime.

A associação de formação que são as CFR é a ilustração deste movimento:

- pela sua própria origem, porque traz as preocupações do território local: ela mesma resultado de uma dinâmica de desenvolvimento local, desejada pelos atores locais, a CFR é uma resposta adaptada às necessidades locais da formação.
- pela sua própria constituição porque o seu conselho de administração, constituído a partir de atores engajados num processo de desenvolvimento, é, ele próprio, portador das expectativas do território. De certa forma, por causa da sua proximidade a essas expectativas e à sua capacidade de interpretá-las, ela é “perita” na matéria.
- pela prática da pedagogia da alternância; a CFR é permanentemente devolvida ao território de onde nasceu.

A CFR não pode pairar acima da realidade, ela deve viver ligada ao meio que a transporta. O território e a associação de formação estão, portanto, ligados por uma lógica de organização de aprendizagem. Participar do desenvolvimento do território é formar-se. Treinar atores locais é contribuir para o desenvolvimento de seu território.

A CFR cria espaços capacitantes

É nesse sentido que a CFR cria espaços capacitantes em paralelo com a própria associação que a dinamiza, com a sua atividade, com os seus locais, através de parceiros sócio-econômicos (autoridades eleitas, empresas, instituições) que contribuem para o projecto de educação e formação da própria CFR.

Assim, ser uma associação de formação CFR num território significa necessariamente ser portador de um projeto de organização de aprendizagem.



Philippe RISTORD
Diretor do Centre National Pédagogique et de Ressources des MFR (CNP-R),
membro fundador do Coletivo Kelvoa

FORMAÇÃO AGRÍCOLA A PAR COM A MODERNIDADE

AGOSTINHO FERREIRA – Diretor da Escola Profissional Agrícola da Quinta da Lageosa – Belmonte

Os desafios que atualmente são colocados à humanidade são inúmeros e diversos, exigindo uma demanda por uma resposta rápida e eficaz. Das alterações climáticas à contaminação da biosfera causada pelos plásticos, vai um conjunto de problemas que leva a questionar o modelo de desenvolvimento estabelecido e a procurar um conjunto de respostas capaz de mitigar alguns desses efeitos.

No que concerne à realidade nacional, os territórios situados no interior do país padecem de dois graves problemas: o elevado número de fogos florestais e o despovoamento. Do primeiro, acentuado pelas alterações climáticas, resulta uma notável fragilidade dos ecossistemas agroflorestais, acentuando o risco inerente a qualquer tipo de investimento. Do segundo, resulta sobretudo a carência de mão-de-obra capaz de responder às necessidades laborais associada à cada vez maior debilidade dos mercados locais.

Olhar longe e diferente

Este conjunto de problemas obriga a uma reformulação das competências a desenvolver nos jovens que têm a coragem de não abandonar estes territórios, desenvolvendo neles os seus projetos de vida. Estando hoje a informação mais facilmente disponível, mais importante do que promover a retenção do conhecimento é estar atento aos sinais que induzem alteração dos ecossistemas naturais e sociais, ajustando-se cada

projeto individual. Assim, o desenvolvimento da inteligência emocional passa a ser o novo desígnio a desenvolver no percurso educativo dos jovens, assente num conjunto de competências facilitadoras da gestão do conhecimento e da informação. Olhar longe e diferente e atender à visão periférica são competências fundamentais num mundo em constante mutação.

Mudança radical no tradicional processo de ensino e aprendizagem

O caminho para alcançar estes objetivos passa por uma mudança radical no tradicional processo de ensino e aprendizagem, fortemente centralizado num método expositivo e assente na memorização. Consciente das características desta contemporaneidade, a formação dos jovens tem que passar:

- **Por uma reflexão profunda da complexidade do mundo**, nas suas mais diversas vertentes. Fenómenos como as alterações climáticas e a globalização, os organismos geneticamente modificados e a energia, o mercado livre e a poluição, devem estar sempre presentes no percurso do aluno, de forma a que o conhecimento não se transforme numa coisa abstrata com o prazo de validade coincidente com a data do teste ou do exame. O aluno aprende a pensar o seu lugar no mundo, que sendo seu também é dos outros, devendo, portanto, saber respeitá-lo e preservá-lo.





- **Pelo desenvolvimento de pequenos projetos na escola** que incluam toda a fileira da matéria em questão, levando o aluno não só a desenvolver competências práticas inerentes à sua instalação, mas também competências de resistência e de resiliência às inúmeras dificuldades que se colocam a todos. Importa que a escola possua recursos necessários e suficientes para o desenvolvimento desses projetos, que podem passar pela instalação de uma nova cultura ou pelo ensaio de uma nova variedade ou modo de produção. Assim aprendem a congregar conhecimentos e sinergias, sendo as aprendizagens realizadas significantes.
- **Pela aprendizagem na utilização de novas tecnologias** enquanto ferramentas essenciais em todos os domínios da atividade. Importa realçar que a atividade agroflorestal não pode ficar à margem da inovação tecnológica, nomeadamente aquela inerente à agricultura de precisão.
- **Pelo fomento do trabalho colaborativo**, tanto entre docentes como entre alunos, imprescindível em todos os domínios e setores de atividade, não só pela partilha na utilização de recursos finitos mas também na demanda de soluções.

O foco deve centrar-se no aluno

São estas as diretrizes que norteiam a nossa formação cujo foco deve centrar-se no aluno, tendo em consideração a sua personalidade, as suas aprendizagens e os seus contextos vivenciais. A sua formação enquanto cidadão e profissional desenvolve-se de forma ativa na concretização de projetos visando competências essenciais preferencialmente envolvendo a comunidade, e com a colaboração de parceiros dispostos a enriquecer a formação dos alunos. O desenvolvimento de uma consciência coletiva capaz de conciliar interesses públicos e privados, é fundamental para o estabelecimento de um modelo de desenvolvimento sustentável, única via de desenvolvimento das gerações vindouras.



Nota: fotos da 3ª Agrolimpics europeia 2018, na qual a equipa da EPQAL, representante de Portugal, conquistou o primeiro lugar.

UMA VISÃO DINÂMICA DO QUE É O MUNDO RURAL

Numa região como o Alentejo, as dinâmicas no setor agrícola, agroindustrial e do turismo associado ao mundo rural, têm tido nos últimos anos um considerável incremento.

Em grande medida esse incremento é da responsabilidade do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA), nomeadamente com a expansão do olival intensivo e superintensivo, a vinha e a amendoeira.

Mas não seria justo se não se realçasse o papel dos investidores nacionais e internacionais que estão a investir fortemente na região, quer por via do setor agrícola, mas também das agroindústrias e do turismo rural.

LUÍS MANUEL DE MATOS BARRADAS – Diretor da Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa

Neste contexto a Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa acompanha todo este processo de desenvolvimento a partir da missão que definiu no seu Projeto Educativo (PE): *Satisfazer as necessidades de formação da população numa perspetiva de oportunidades de sucesso escolar e profissional, com vista a dar resposta à procura de recursos humanos qualificados em áreas específicas do Desenvolvimento Regional.*

Mas como é que a EPDRS se coloca ao nível da sua atuação para responder a essa missão?

Economia circular suporta todo o modelo pedagógico

Em primeiro lugar o facto de possuímos uma exploração agrícola e agroindustrial no coração do EFMA e inserida no Perímetro de Rega de Serpa. Trata-se de uma propriedade agrícola com 52 hectares, dos quais 17 são de olival intensivo, 2 de vinha em regadio, 2 de amendoeira em regime intensivo e 22 de culturas arvenses sendo que 6 hectares são regados a partir de um pivot. Toda a exploração agrícola está em modo de produção integrado. Acompanha esta dimensão agrícola a existência de um centro tecnológico em que se realça a existência de um lagar de três fases com tecnologia moderna, um centro hípico de três estrelas e um centro ambiental constituído

por uma central de compostagem.

Esta estrutura física tem subjacente um conceito de economia circular que suporta todo o modelo pedagógico que está definido no PE da EPDRS.

Gestão flexível e ligação às empresas

Não podendo a EPDRS deixar de acompanhar as orientações definidas pelas políticas públicas ao nível do ensino profissional, onde a abordagem do currículo é de banda larga e com um objetivo central que é o cumprimento do que está determinado no perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória de 12 anos, a escola procura ir ao encontro das necessidades e das dinâmicas dos setores económicos que têm mais impactos na economia regional, criando as condições necessárias para que os seus alunos, quando terminam o seu ciclo de formação tenham adquirido um conjunto de competências técnico-científicas (*hard skills*), sociais e de natureza transversal (*soft skills*), que os capacitem para enfrentar, não só o mundo do trabalho, mas também o prosseguimento dos estudos ao nível superior.

Esse trabalho resulta da associação entre uma gestão flexível do currículo, uma gestão empresarial das atividades produtivas e o envolvimento permanente dos alunos nessa gestão.

Para que tal estratégia seja possível, importa perceber

que existe da parte de todos os atores envolvidos, uma percepção da necessidade de uma gestão flexível do currículo, da aplicação de metodologias ativas na prática pedagógica e ainda uma visão de contexto de trabalho nas áreas tecnológicas do currículo. Finalmente a ligação com a realidade das empresas a partir da formação em contexto de trabalho e da prova de aptidão profissional.

O exemplo da fileira olivícola/oleícola

Assim, com uma oferta formativa assente em três áreas que se associam aos três setores económicos que suportam o atual modelo de desenvolvimento do Alentejo, nomeadamente a produção agropecuária, a vitivinicultura e a gestão equina (agricultura, agroindústrias e turismo rural) e uma capacidade instalada, quer em recursos físicos, quer humanos, é hoje uma referência enquanto operador de formação profissional e agente de desenvolvimento regional.

Para uma melhor percepção do que temos vindo a afirmar, podemos exemplificar com o que estamos a fazer ao nível da fileira olivícola/oleícola.

É sabido o impacto económico que tem vindo a ter, de forma crescente, o olival e o azeite no Alentejo. Tal evolução foi devidamente acompanhada pela EPDRS, mas sempre com uma perspetiva de sustentabilidade e preocupação com a tradição do Alentejo enquanto a região de Portugal que liderou a produção de azeite.

Foi com essa base de reflexão que toda a nossa estratégia de desenvolvimento da cultura do olival e os contextos da formação profissional a esta associada, foram desenvolvidos. Isto significa por um lado a evolução tecnológica ao nível da melhoria da qualidade das plantas utilizadas, por outro a intensificação da plantação em termos de rentabilidade, e ainda na mecanização de todas as operações culturais onde se inclui a colheita. A título de exemplo, a EPDRS foi das primeiras entidades/empresas a adquirir um colhedor mecânico de azeitona em 1992 e nessa época deu um contributo muito importante, através de diversas demonstrações junto de agricultores, das vantagens da mecanização da colheita.

Por outro lado importa olhar para a opção pelas variedades tradicionais na região, nomeadamente a Galega, a Cordovil de Serpa e a Cobrançosa. Também aqui soubemos defender um património que pode ser estratégico numa perspetiva de denominação de origem protegida.

Sustentabilidade ambiental

Mas se ao nível da produção olivícola encontramos o equilíbrio entre inovação tecnológica e tradição, também ao nível do azeite foi possível encontrar um referencial idêntico. A instalação de um lagar de azeite de três fases, com tecnologia moderna (eletrificado, com capachos em inox e filtragem mecânica não centrífuga e decantação natural) onde o azeite é conseguido à temperatura ambiente, permite à EPDRS ter um produto de alta qualidade e com parâmetros físico-químicos e sensoriais de um azeite maduro e com os aromas que encontramos

nos azeites tradicionais do Alentejo.

Finalmente, e não desprezível, a forma como a EPDRS olha a questão da sustentabilidade ambiental. Neste contexto a existência da central de compostagem, que de uma forma pioneira em 2000, trouxe uma nova abordagem do tratamento dos resíduos orgânicos resultantes de todo o processo de produção do azeite, permite aos nossos formandos compreender a importância da reciclagem dos subprodutos da agricultura e da agroindústria, permitindo que aqueles possam compreender melhor princípios essenciais como a economia circular e a sustentabilidade ambiental da atividade económica.

Falando de economia circular e porque está na ordem do dia, importa relevar o papel inovador da EPDRS quando assume a componente comercial da produção de azeite, por exemplo, criando a sua marca própria e comercializando o azeite. É esta dimensão tridimensional (produção, transformação e comercialização com uma dimensão de sustentabilidade) que dá aos nossos formandos uma visão muito mais aberta daquilo que vão encontrar no mundo do trabalho.

Um centro de desenvolvimento rural

A EPDRS revê-se em si mesma como um centro de desenvolvimento rural onde a par da formação dos jovens, acompanha a evolução do setor agrícola e dos setores a jusante, com uma visão dinâmica do que é o mundo rural, sempre com a perspetiva de responder ao essencial da sua missão: o serviço público e o ensino profissional.



A empregabilidade ronda os 100%

em áreas como a Manutenção Industrial, a Agropecuária e a Restauração



Quem percorre a Estrada Florestal da Gafanha da Boa-Hora não se deixa ficar indiferente à grandiosidade da Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos (EPADRV). Situada num local aprazível, inserida numa frondosa mata de pinheiros, a EPADRV configura um conjunto de modernas estruturas importantes, não só para toda a comunidade educativa que a frequenta, mas também para todo o concelho e região.

JOSÉ ABREU | Adjunto do Diretor da Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos

A Escola Profissional de Agricultura de Vagos (EPAV) foi fundada a 31 de agosto de 1990. Após a construção de novas instalações, a escola transfere-se da zona urbana, sede de concelho, para a freguesia da Gafanha da Boa-Hora, localizada no noroeste do município, cobrindo uma grande faixa da beira litoral. Em maio de 2000 a escola transforma-se em Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos (EPADRV) e passa a ser reconhecida como entidade pública, integrando-se na rede de estabelecimentos de ensino oficial do Ministério da Educação. Apesar de nesta última década e meia assistirmos à proliferação da indústria, **Vagos continua a ser um concelho de características agrícolas por excelência, onde predominam a horticultura, a pecuária (gado leiteiro) e a floricultura. A ligação à terra é forte e esta é, ainda, a base de sobrevivência de uma grande parte da população.**

Técnicos que saem daqui e sabem fazer

Num mercado sedento de mão de obra técnica qualificada, a EPADRV oferece uma resposta ajustada de alunos formados que, conforme refere Paulo Alves, diretor da escola, **“são técnicos que saem daqui e sabem fazer”**.

A empregabilidade para estes jovens ronda os 100% em áreas como a Manutenção Industrial, a Agropecuária ou a Restauração.

Este revela-se um importante fator após a consagração do estatuto de **Jovem Empresário Rural, que pretende fomentar benefícios e apoios a conceder a jovens que se queiram instalar em espaços rurais, designadamente em territórios do interior.**

Da oferta formativa fazem ainda parte o curso técnico de Gestão Equina, **onde se organizam concurso de saltos federados que contam com a participação de cavaleiros de renome e os alunos que não evitam esforços para que nada falhe**, para além dos Cursos de Educação e Formação (CEF) de Serralharia Civil e Tratamento/Desbaste de Equinos.

Uma Escola para o Mundo

Numa escola próxima da zona costeira e que ocupa já uma área de 10 hectares, doados pela Câmara Municipal de Vagos, fazem parte alunos de diversas zonas de Portugal, mas também de outros cantos do mundo, como Guiné, São Tomé ou Angola. A escola dispõe de uma residência escolar e são já cerca de 100 alunos residentes.

Paulo Alves assegura fazer valer a sua missão pelas gerações estudantis vindouras:

“Criar gosto pela atividade que escolheram para que possam aplicar lá fora aquilo que foram aprendendo. O que estamos aqui a fazer é a ensiná-los a aprender a aprender, ou seja, têm que ir aprendendo ao longo da vida; aquilo que nós ensinamos hoje pode mudar amanhã, mas os alunos têm de estar de mente aberta para perceber o que está ao lado deles e reagirem com antecipação, acompanhando a evolução do mundo lá fora”.

Formação de Jovens Agricultores

A EPADRV é, na sua génese, uma escola essencialmente agrícola, apesar da oferta diversificada noutras áreas. O Curso Técnico de Produção Agrária e mais recentemente o de Agropecuária, tem vindo a formar jovens capazes de organizar e executar as mais diversas atividades de uma exploração agrícola e/ou pecuária, com aplicação de técnicas, métodos e modos de produção compatíveis com a preservação ambiental, normas de proteção e bem-estar animal, qualidade dos produtos, segurança alimentar, saúde pública e segurança e saúde no trabalho.

A escola dispõe dos meios técnicos e de valências de excelência para a formação na área agrícola. A área agrícola disponível para cultivo é de cerca de 2 hectares e os alunos recorrem a maquinaria diversa para suporte na preparação dos solos, no cultivo e no cuidado e preservação das culturas. Dispõe ainda de uma estufa aquecida a energia solar, um projeto inovador na área da produção florícola – **Projeto HelioAgro**. Este projeto nasceu numa parceria entre a escola e diversas instituições de ensino superior, a Universidade de Aveiro, a Universidade de Oslo na Noruega, a Escola Superior Agrária de Coimbra e uma empresa da região, Quinta da Agra. Trata-se de um sistema solar térmico para captação, armazenamento e distribuição de calor a baixa temperatura e permite ensaios de produção de flores e hortícolas. Neste momento a escola produz Antúrios durante todo o ano.

Produção e comercialização

Para a formação dos alunos, a escola dispõe também de uma valência que se tem revelado ao longo dos anos uma mais-valia, o Polo de Bovinos, com um efetivo de cerca de 50 animais da raça Holstein Frísia, para produção de leite. São feitas duas ordenhas diárias onde os alunos participam ativamente nestes

processos. Desde o acompanhamento do processo de ordenha, higienização e desinfecção dos equipamentos. Parte deste leite recolhido é utilizado para a transformação agroalimentar, onde os alunos o transformam em manteiga, queijo e iogurtes. Estes produtos transformados são posteriormente utilizados no Polo de Restauração da EPADRV (Curso de Restauração Cozinha-Pastelaria) e são também colocados à venda na Loja de Produtos Regionais da EPADRV, tal como os hortícolas e flores. Na loja é ainda vendido o Mel proveniente do Apiário da Escola, onde os alunos participam nas mais diversas tarefas inerentes a todo este processo. No âmbito da Apicultura foram dinamizados projetos em parceria com a Universidade de Aveiro e que foram a concurso na Fundação Ilídio Pinho. Na área da transformação agroalimentar foi criada uma cerveja artesanal com o nome Black Angus e Jersey Blonde.

Eventos, provas e iniciativas

A escola dispõe ainda de um Parque Pedagógico destinado à criação, detenção e reprodução de várias espécies (Galináceos, Bovinos, Caprinos, Suínos, Ovinos, Lagomorfos), para fins didáticos e pedagógicos, onde normalmente são feitas excursões e visitas de estudo, maioritariamente de crianças do primeiro ciclo.

A EPADRV proporciona aos alunos que frequentam o curso de Agropecuária a possibilidade de obterem a licença de condução de veículos agrícolas. Para isso, são submetidos a provas de avaliação (código de estrada, regras de higiene e segurança e prova de condução de um veículo agrícola). Estas provas são realizadas perante um júri constituído por um representante da CNA – Confederação Nacional da Agricultura.

Este ano, pela primeira vez, os alunos dos diversos anos do Curso Técnico de Agropecuária, participaram na 4ª edição das 24H de Agricultura Syngenta, um evento organizado sob orientação científica e pedagógica da Associação Portuguesa de Horticultura para demonstrar aos estudantes as competências exigidas aos profissionais da área agrícola. A EPADRV privilegia a uma forte ligação com o mercado de trabalho, fruto dos vários anos de experiência em formar jovens na área agrícola e fruto de protocolos com associações, organizações e empresas. Os alunos realizam a formação em contexto de trabalho nos três anos do curso, com estágios em empresas de todo o país bem como no estrangeiro, preparando-os para o mercado de trabalho.



PROPORCIONAR UM FUTURO MELHOR aos filhos da nossa terra

A Escola Profissional de Fermil, Celorico de Basto (EPFCB) é, de uma forma orgulhosa e convicta, uma escola de âmbito regional, que abrange toda a região de Basto, um meio rural, essencialmente agrícola. É uma escola única no distrito de Braga, com bastante influência nos planos social e formativo nos concelhos que abrangem a região de Basto: Celorico de Basto, Mondim de Basto, Cabeceiras de Basto e Ribeira de Pena.

PEDRO VALE, subdiretor da Escola profissional de Fermil, Celorico de Basto

Enquanto instituição de ensino de referência regional, a EPFCB procura contribuir para impulsionar o desenvolvimento económico e social na região, por um lado, e refrear o êxodo rural e a emigração que se está novamente a fazer sentir. A EPFCB propõe-se a atingir estes objetivos através de uma oferta formativa de qualidade, qualificando e capacitando os jovens da região para as necessidades de desenvolvimento do setor agroflorestal, nomeadamente para as previstas no Plano de Desenvolvimento Rural (PDRU), e as necessidades das entidades e serviços presentes na zona das terras de Basto.

A EPFCB é rodeada por múltiplos espaços verdes, uma exploração agrícola de 22 hectares, Núcleos de Produção (vacaria, vinha e pomar de frutas); e Núcleos de Aprendizagem Técnica, além das salas de aulas, hangar de alfaias agrícolas e veículos de tração, picadeiro e adega. A área da quinta é ocupada por nove hectares de vinha, dois hectares de quiwis e dez hectares com forragens para a alimentação do efetivo pecuário.

Ensino mais direcionado para o saber-fazer

A EPFCB tem vindo a transformar progressivamente a exploração agrícola numa exploração moderna, dotada de equipamentos sofisticados, suscetíveis de aumentar a eficiência e diminuir os gastos. De acordo com o Catálogo Nacional de Qualificações e o referencial de formação do Curso Técnico de Produção Agropecuária, nível 4, o aluno, no final da sua formação, deverá saber programar, organizar, orientar e executar as atividades de uma empresa ou exploração agrícola e/ou pecuária, aplicando técnicas, métodos e modos de produção compatíveis com a preservação ambiental, respeitando as normas de proteção e bem-estar animal e de qualidade dos produtos, de segurança alimentar, de saúde pública e de segurança e saúde no trabalho. Para adquirir estas competências/capacidades previstas neste perfil do aluno, as Escolas deverão promover e facultar no currículo e nas 3200 horas de formação, diversas áreas do saber, apostando, objetivamente, num ensino mais direcionado para o saber-fazer.

Neste sentido, a Escola Profissional de Fermil, Celorico

de Basto, ao longo dos tempos, tem-se munido de vasto conjunto de equipamentos, meios e infraestruturas, tais como: raças de aves autóctones nacionais, ovinos autóctones, vacaria para produção de leite com animais da raça Frísia e respetiva ordenha mecânica, ETAR biológica, ampla produção forrageira, estufas, pomares, adega, vinhas com castas recomendadas e aconselhadas para a região, armazém de produtos fitofarmacêuticos e um moderno parque de máquinas, incluindo oficina mecânica.

Modos de produção cada vez mais sustentáveis

Estes meios permitem que na Escola, durante as aulas, os nossos alunos usufruam de uma prática real de trabalho. Deste modo, os nossos alunos chegam às empresas mais habilitados e mais capazes de enfrentar os desafios do mercado de trabalho. Também com a Formação em Contexto de Trabalho e curiosas Provas de Aptidão Profissional acentuam e aprofundam, ainda mais, os conhecimentos, as competências técnicas e relacionamento humano. Além disso, a escola já implementa modos de produção cada vez mais sustentáveis, promovendo a proteção ambiental, concretamente através da produção integrada. Parece-nos o modelo mais correto de sensibilização dos alunos, já que damos o exemplo.

Formamos técnicos altamente especializados

Considerando a complementaridade entre o sector primário, o turismo e a promoção do desenvolvimento do país, podemos afirmar que esta Escola está a desempenhar um papel importante para o crescimento económico e, simultaneamente, a proporcionar um futuro melhor aos filhos da nossa terra.

Sendo a evolução do sector primário um objetivo nacional temos, nesta Escola, um exemplo de dinâmica e aproveitamento de potencialidades locais na medida em que implementamos e impulsionamos a sustentabilidade económica da região, não só com os produtos agrícolas que produzimos, mas também porque formamos técnicos altamente especializados em áreas importantes para o sector, para a Região e para Portugal.



Escolas profissionais agrícolas |

ESCOLA PROFISSIONAL DE AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL DE PONTE DE LIMA

Estamos vocacionados para uma oferta formativa visando o desenvolvimento da região

Pela sua génese, a Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Ponte de Lima (EPADRPL) possui uma exploração agrícola que a diferencia das restantes e a dota de uma matriz predominantemente rural. Encontra-se dividida por setores de atividade, designadamente da Produção Animal, da Viticultura e Enologia, de Hortofloricultura e da Mecanização Agrícola.

CRISTINA POÇO, Subdiretora da Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Ponte de Lima

Na Produção Animal, nomeadamente no setor leiteiro, a Escola tem apostado no melhoramento genético fazendo para esse efeito a recolha de embriões e seu implante em animais com boa genética com o objetivo de aumentar a produção de leite, permitindo também melhores resultados nos concursos pecuários da raça Frísia em que participa. A vacaria foi recentemente renovada, foi construído ultimamente um viteleiro e renovadas as antigas instalações pecuárias que deram lugar à criação de um projeto de produção de galinhas de raças autóctones. A produção de porcos da raça bísara para criação de reprodutores e de leitões para abate e a produção de ovinos da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho são outras valências deste setor na escola.

Vinhos galardoados com prémios nacionais e internacionais

Relativamente à Produção Vegetal a escola conta com equipamento tecnológico moderno onde se produzem várias espécies hortícolas desde as mais usuais às mais contemporâneas. Ainda na produção vegetal temos o setor vitivinícola onde produzimos vinho branco da casta loureiro, arinto, vinho tinto da casta vinhão e espumante, os quais já foram galardoados com prémios nacionais e internacionais.



A ligação da EPADRPL à agricultura é extremamente forte e dado que esta é, ainda, a base de sobrevivência de uma grande parte da população, esta característica torna-se uma mais-valia para a nossa Escola, sendo procurada por alunos, não só da região, mas também de outras zonas de Portugal Continental e Ilhas.

Aposta na continuidade

Salienta-se o facto de a EPADRPL possuir parcerias e protocolos com diversas organizações com o objetivo de alargar e melhorar a prestação do seu serviço educativo e colaborar nas áreas didática, científica e de formação em contexto de trabalho.

A EPADRPL tem ministrado, desde a sua formação,

vários cursos nas áreas da Agricultura, Espaços – Verdes, Turismo, Tecnologias de Informação e Comunicação, Restauração e Gestão Equina. Está vocacionada para a oferta formativa em quatro áreas prioritárias para o desenvolvimento da região: Agropecuária, Equina, Restauração (Restaurante-Bar e Cozinha Pastelaria) e Jardinagem.

Assim no ano letivo 2019/2020 a aposta na oferta formativa da escola será novamente naquela que já está, a nosso ver, consolidada. A nível dos cursos profissionais teremos: o Técnico de Produção Agropecuária, o Técnico de Gestão Equina, Técnico de Restaurante Bar e Técnico de Cozinha Pastelaria. Relativamente aos cursos CEF a aposta será também de continuidade com a oferta de um curso CEF Tipo II de Operador de Jardinagem.



UM PARCEIRO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A EPA – Escola Profissional de Agricultura de Desenvolvimento Rural de Carvalhais/Mirandela é o único estabelecimento com esta finalidade na região de Trás-os-Montes. Uma elevada responsabilidade, relativamente à qual ficámos a conhecer como está a ser cumprida, junto do seu diretor, Manuel Taveira Pereira.

MANUEL JOAQUIM TAVEIRA PEREIRA, diretor da Escola Profissional de Agricultura de Desenvolvimento Rural de Carvalhais/Mirandela



É uma escola pública, herdeira de uma tradição de 60 anos na educação e formação e que se encontra instalada numa exploração agrícola de 57 hectares, a 2 quilómetros da cidade de Mirandela. Atualmente, é frequentada por cerca de 200 jovens de diversos pontos do território nacional, assim como das nações da CPLP.

Níveis de empregabilidade praticamente plenos

O seu respectivo acolhimento beneficia de condições que se distinguem no panorama das escolas agrícolas nacionais, ao nível do alojamento, da alimentação ou dos equipamentos que forem necessários ao longo do seu percurso escolar. Acrescem ainda oportunidades como as visitas de estudo nacionais e internacionais, os estágios também nacionais e internacionais e a possibilidade de participação em projetos ERASMUS+.

Tudo isto decorre no quadro de uma oferta formativa fortemente dirigida às necessidades da região e que tem sido recompensada com níveis de empregabilidade praticamente plenos. Fazem parte os cursos profissionais (Nível IV) nas áreas da Agropecuária, Vitivinícola, Restaurante/Bar, Controlo de Qualidade Alimentar, Mecatrónica Automóvel e Cozinha/Pastelaria. Juntam-se ainda os cursos CEF (Nível II e Nível III) em Operador de Pecuária e Operador de Máquinas Agrícolas.



Uma escola amplamente multidisciplinar

Se podemos concluir que estamos perante uma escola amplamente multidisciplinar, interessa realçar que essa mesma variedade percorre todo o ciclo que vai da produção até ao consumidor final, não esquecendo que o contributo da Mecatrónica acrescenta o input tecnológico sem o qual é impossível conceber a agricultura contemporânea. Tal possibilita uma dinâmica rica de projetos integradores intercurso, baseados na diferenciação pedagógica, centrada no aluno, que situam os alunos nas diferentes fases inerentes às atividades económicas às quais se irão dedicar no seu futuro profissional. Com efeito, Manuel Taveira Pereira destaca este ponto como um aspeto “fundamental” da filosofia e da diferenciação desta escola, que coloca os jovens mais de perto com a realidade concreta do mundo do trabalho e que lhes confere ferramentas diferenciadas para a sua inserção no mercado laboral ou para a via do empreendedorismo.

Para isso, a EPA Carvalhais/Mirandela suporta esta lógica com condições práticas que passam pelos formadores altamente especializados nas diferentes facetas do trabalho agrícola, agroalimentar e tecnológica, pelas diversas parcerias com empresas e entidades de Ensino Superior e pela integração no seu espaço de unidades próprias como um moderno Lagar de Azeite, um Lagar de Vinho e Adega, uma Queijaria, um Centro Hípico com Guia Mecânica ou uma Cozinha Pedagógica, Oficinas de Mecatrónica, Oficina de Mecanização Agrícola, Ovil, Capril, Aviário, Suinicultura...

Uma escola aberta, centrada no aluno

Temos infraestruturas, todas as instalações, os recursos humanos e também temos a experiência e o saber nestas áreas. A escola, além de estar a trabalhar pela formação e educação dos jovens, também está a trabalhar para a melhoria das condições de vida da agricultura, das tecnologias e do turismo a nível regional.

Não é apenas uma escola tecnologicamente evoluída. Ao assumir a gestão da antiga residência de estudantes e da escola de hotelaria, apresenta condições ímpares, no panorama do ensino nacional, para receber alunos em regime de internato, tudo num contexto de escola aberta, centrada no aluno e tudo 100% gratuito.

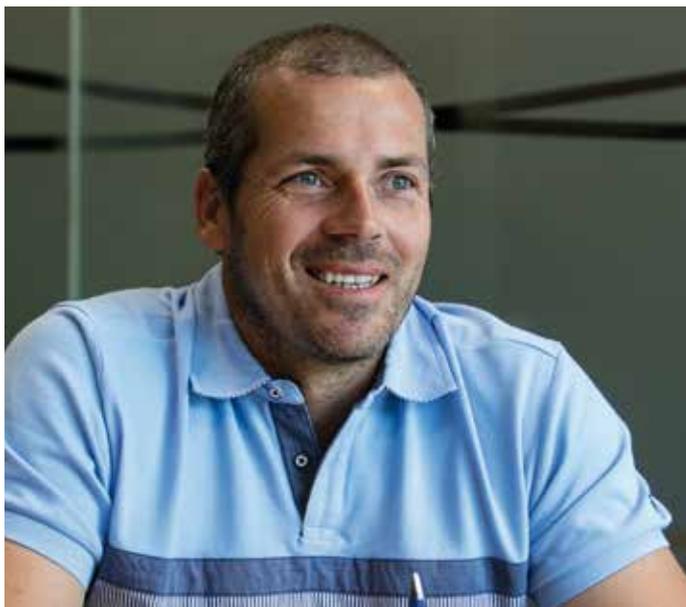


DE ALUNO A PROFESSOR

Prometeu voltar para ensinar, cumpriu e motivou dezenas de alunos a acabarem os seus estudos.

REPORTAGEM **OLÍVIA CERQUEIRA** | Engenheira Agrónoma | Colaboradora da AGRI

FOTOGRAFIAS **MIGUEL MARQUES RIBEIRO**



Depois de um percurso de sucesso Rogério Queirós ex-aluno da Escola Profissional Agrícola de Ponte de Lima regressou à escola que foi a sua como aluno, no secundário, para dar aulas. Prometeu que voltaria na condição de professor e entre 2010 e 2014 realizou esse sonho. O gosto pela terra, a vocação, o trabalho e a dedicação fizeram-no chegar longe e o caminho ainda não terminou. De mãos dadas com a terra, uma história que nos faz pensar em não desistir de trilhar o nosso caminho.

São cada vez menos os jovens interessados na área agrícola e afins. Em 2004, cerca de 1300 estudantes tinham sido colocados em cursos relacionados com o ambiente, agricultura, silvicultura e pescas. Em 2018 foram menos de 500. Os números da Direção Geral do Ensino Superior revelam uma quebra de 66% durante este período. Aqueles que enveredam por esta área fazem-no por vocação e por amor. Com dedicação e empenho chegam longe, realizam percursos académicos que os satisfazem e exercem a profissão que escolheram, com um orgulho contagiante.

Bons alunos e bons percursos

Rogério Queirós é uma de muitas histórias profissionais inspiradora. Passou de miúdo estudante de um curso

profissional agrícola a Engenheiro Queirós. Fomos à sua procura e conversámos demoradamente com ele. Como era de esperar tinha muito para nos contar.

Iniciou, em 1997, o secundário na escola Profissional Agrícola de Ponte de Lima. Contrariando a generalidade da opinião pública que tem ideia de que os jovens que vão para as escolas profissionais são maus alunos (que não é verdadeira), ele sempre foi bom aluno e a sua escolha foi consciente. No ano 2000 entra num curso superior em Viseu em Engenharia Florestal. Em 2010 cumpre a promessa, volta à escola onde tudo começou, agora como professor. Deu aulas até 2014 e em simultâneo tirou o mestrado em Gestão do Ambiente e Ordenamento do Território na Escola Superior Agrária de Ponte de Lima. Em 2014 entra para a EDP. Atualmente é o responsável das servidões elétricas. Este trabalho só foi possível devido ao seu percurso académico na área agrícola, sendo este um requisito para exercer a função.

A importância da família

Ouvimos repetidamente algumas palavras que não nos escaparam ao ouvido. O seu tom deixava transparecer uma forte carga emocional, “a escola foi uma grande família”, “a turma é também a tua família”, “família agrícola”.

Foi por ter um passado familiar ligado à terra e familiares que frequentavam a escola profissional agrícola que deu o primeiro passo neste percurso, tendo desde sempre o ensino superior como objetivo.

Relata um pouco emocionado, mas com grande convicção “foi um caminho que se foi fazendo, fiz aquilo que queria, mas não foi fácil”.

Questionado sobre as dificuldades, ele sorri e clarifica que o secundário foi fácil. Nas práticas não teve qualquer dificuldade, pois era delas que mais gostava. “Nisso a escola é exemplar, a carga horária prática é grande e os alunos ainda se dispõem generosamente a fazer voluntariado, sempre com boa disposição. Era nesses momentos que se via a família agrícola”.

Quando surgiram, no ensino superior, as disciplinas teóricas como a matemática e a química, teve dificuldades, mas conseguiu. Mais uma vez as práticas eram o seu domínio.

À pergunta se tinha pensado desistir ou se estava arrependido, nem respondeu verbalmente, pois nunca tal lhe passou pela ideia.

Para finalizar destaca que as escolas profissionais



agrícolas deveriam estar melhor preparadas para assegurar o percurso académico dos alunos que desejam continuar para o ensino superior. Constata, no entanto, que nesse plano algo está a mudar e afirma, com orgulho: “tenho alguns antigos alunos a frequentar o ensino superior”.

Sentimento de aldeia à flor da pele

Recolhemos a opinião de um antigo aluno do Rogério, da escola profissional agrícola, Américo Ferreira. Ele iniciou o seu percurso nesta escola no 7^o ano num curso de operador de jardinagem, decidiu apenas completar o secundário. Hoje é um jovem empresário de sucesso na área dos espaços verdes e paisagismo. “Mas o quê? Quer que fale do professor Rogério? Versão professor ou aluno?”. “Foi um prof. que motivou dezenas de alunos a acabar os estudos. Aprendi muito com ele, mas também me repreendeu várias vezes. Passámos tanto juntos”. As escolas agrícolas são isto mesmo, uma grande família onde cada estudante não é um mero número, todos se conhecem, todos conhecem as dificuldades de cada um e os seus pontos fortes e fazem disso uma grande simbiose para que todos cheguem ao fim. Mesmo que os anos passem a relação humana continua. É o sentimento de aldeia que lhes está à flor da pele.

Uma formação sólida

A agricultura é uma área de futuro e necessária. A atividade agrícola tem sido um pilar ao longo da história de várias culturas e civilizações e continua na atualidade a ser um setor fundamental.

Para trabalhar na agricultura ou com a agricultura não chega ter conhecimentos sobre plantas, sobre animais e aplicar “receitas” ou saberes transmitidos pela experiência. A produção agrícola é cada vez mais tecnológica, todas as etapas/operações estão sob um controlo intenso e sofisticado de modo a garantir a quantidade e a qualidade. Uma formação sólida é absolutamente necessária para desenvolver as competências agregadoras das inovações tecnológicas e dos conhecimentos de agronomia, tendo em vista uma agricultura economicamente e socialmente sustentável, amiga do ambiente e marcadamente competitiva.

Os jovens com vocação, carinho pela terra e vontade de nela trabalhar, não devem desistir de trilhar esse caminho profissional. A agricultura inscreve-se no nosso futuro coletivo e as escolas profissionais agrícolas são o garante de uma direção segura para realizarmos esse caminho.

Vale a pena estudar e trabalhar na agricultura ou com a agricultura, uma área de futuro e necessária (“tudo vale a pena quando a alma não é pequena” - Fernando Pessoa).

APRENDIZAGENS INFORMAIS,

para além da formação certificada e da ligação ao Catálogo Nacional de Qualificações

Lógica integradora enriquece o contexto da formação com outros aspectos tais como a produção e conservação de alimentos, a construção natural ou a educação ambiental.

RITA MARINHO – Urbanismo e gestão do território | Colaboradora AGRI



Quer se trate de aprender a fazer uma pequena horta para consumo próprio ou uma formação mais complexa, é significativa a oferta de cursos e workshops sobre agricultura. Em muitos casos são promovidos por projectos que integram vários componentes ligados à natureza, noutros são promovidos por autarquias, produtores agrícolas ou associações. Revelam a existência de um interesse crescente na procura de produzir alimentos mais saudáveis e com menos impacto no meio ambiente. Neste contexto da formação que acontece fora dos centros de formação, escolas e universidades destacamos, por concretizarem uma perspectiva diferenciadora do que é a agricultura tradicional, as que incidem sobre a permacultura e a agricultura sintrópica (ou agrofloresta).

Mãos na terra

O Curso Certificado de Desenho em Permacultura (PDC – Permaculture Design Course), normalmente com duração a rondar as 72 horas, baseia-se nos princípios desenvolvidos por Bill Mollison e David Holmgreen na década de 80. Em Portugal, vários projectos ministram esta formação, tais como: Aldeia do Vale - Projecto Agroecológico, situado entre Sintra e Mafra; O Fojo - Permacultura, em Alvaiázere; Terra Alta, em Sintra; Azula, em Odemira; Quinta do Vale, na Serra do Açor; Quinta do Vale da Lama, em Lagos; New

School Permaculture, nos Açores.

Para além dos conteúdos técnicos de permacultura, estes cursos têm outros aspectos em comum. Têm uma forte componente prática, de “mãos na terra”. Chamam pessoas de diversas áreas de formação e de várias origens geográficas (em alguns casos o inglês é a língua utilizada). Proporcionam um ambiente de proximidade entre formador e formando, bem como entre formandos, facilitando a partilha de conhecimentos e a criação de redes de contacto pós-formação. Alguns permitem a realização de estágios.

Abordagens mais naturais aos ecossistemas

A agricultura sintrópica é um conceito que tem vindo a ser desenvolvido por Ernst Götsch, suíço a viver no Brasil desde os anos 80. Ernst já ministrou alguns cursos em Portugal, a maioria dos quais na Herdade do Freixo do Meio, em Montemor-o-Novo. Algumas pessoas que têm aprendido com ele os princípios da agricultura sintrópica têm posteriormente desenvolvido cursos em Portugal, traduzindo esses princípios para as nossas características em termos de clima e espécies naturais. Sobre a Herdade do Freixo do Meio é de sublinhar, para além do seu carácter pioneiro na formação e implementação de agrofloresta em contextos de larga escala, o trabalho que têm desenvolvido na formação e divulgação de abordagens mais naturais aos ecossistemas, de que é exemplo o curso de Microbiologia do Solo aplicada à Agricultura Biológica ou a conferência de Allan Savory sobre pastoreio holístico.

Formação e reflexão sobre modos de viver

Estes projectos têm subjacente uma lógica integradora, que abrange outros aspectos para além da formação em produção de alimentos, tais como construção natural, conservação de alimentos ou educação ambiental.

Aferir a qualidade e impacto destas iniciativas exigiria uma análise mais aprofundada e a definição de critérios e referenciais tal como acontece na formação designada de “certificada”. No entanto, não são de descurar a mais-valia que promovem, não apenas no conhecimento que proporcionam, mas sobretudo na reflexão sobre os modos de viver a que necessariamente obrigam e sobre as redes de contacto que possibilitam.



OFICINAS INFORURAL

Informação, participação, partilha, co-criação,
cooperação na ação, comunidades de prática

Vila Real | Beja | Évora
Portalegre | Bragança | Covilhã
Abrantes | Viana | Braga | Coimbra | Viseu
Idanha-a-Nova | Macedo de Cavaleiros | Tavira
Moura | Chaves | Amarante | Aguiar da Beira

www.inforural.pt